



TRIBUNA LIVRE

Biblioteca Pública de

Braga

1
JULHO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Terminaram as Comemorações CONDESTABRIANAS

Os inimigos de Portugal são os inimigos de Deus e da Virgem Imaculada, nossa Padroeira

As comemorações condestabrianas terminaram ontem solenemente com o regresso das relíquias de Nuno Álvares Pereira à capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Celebrou missa de pontifical — com a presença do Chefe do Estado, sr. contra-almirante Américo Thomaz — O Cardeal Patriarca de Lisboa, Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que no Evangelho proferiu a seguinte alocução:

«Eis aqui, entre as ruínas deste templo construído pelo Santo Condestável, a cuja sombra de paz ele se acolheu em vida e quis descansar depois de morto, algumas Relíquias do seu corpo, após gloriosa peregrinação por todo o país.

«Nós sabemos que, quando soar a trombeta de Arcanjo, estas Relíquias se reanimarão, a alma gloriosa que o habitou unir-se-á de novo ao corpo, transfigurando-o: irradiará luz, alegria, poder, beleza.

«Mas será ousado pensar que esta peregrinação foi alguma coisa como uma presença viva do Santo Condestável, entre os portugueses de hoje? Foi lição de fé de confiança, de esforço, de união.

«Foram percorridas as terras que o Santo Condestável juntou para fazer Portugal. Onde pairava a dúvida, ele fez triunfar a certeza: onde havia a divisão, ele fez reinar a união — e a concórdia; on-

de havia a impressão da fatalidade ou da impotência, ele fez alcançar as vitórias impossíveis. Ele o Deus e Santa Maria com ele.

«Esta noite, quando estas Relíquias passaram em glória pelas ruas da nossa Cidade — nossa de todos os portugueses, dos quais é a capital — não sei se sonhava, mas julguei ouvir a voz mesma de Santo Condestável. Ele falava a toda a Nação Portuguesa. Alguns tópicos de que me recorde:

- «Deus primeiro servido.
- «Deus no princípio e

(Continua na 5.ª página)

O PRINCIPE DA BEIRA

Estiveram na Quinta da Tapada, deste concelho, propriedade do Sr. D. Miguel Sottomayor, nos passados dias 24 e 25 do corrente o Príncipe da Beira e seu irmão Infante D. Miguel de Bragança.

Depois de terem visitado, no dia 24, a serra do Gerês, a barragem da Ganiçada e o templo de S. Bento, acompanhados do Ex.^{mo} Senhor D. Miguel Sottomayor, tivemos a subida honra de, no passado domingo, o ver com seu irmão Infante D. Miguel de Bragança, com o ilustre fidalgo, assistir à Santa Missa na nossa Igreja Matriz e paroquial de Ferreiros, depois de terem apresentados cumprimentos ao nosso Digníssimo Arcipreste.

No final os ilustres visitantes foram também cumprimentados por diversas pessoas que se aperceberam da sua presença rodeada de uma simplicidade cativante.

ONDE SE FALA do conhecimento da literatura

Pessoalmente detesto referir-me ao que se faz «lá fora» como termo de comparação com qualquer espécie de actividade ou procedimento em Portugal, certo, como estou, de que cada qual tem que fazer por si e mandar ao diabo os inventos dos outros. Por outro lado, todavia, apontar bons exemplos não traz inconveniente de espécie alguma e muito menos ainda segui-los. Por isso abre agora uma excepção ao procedimento habitual e pergunto: qual a razão por que não imitam os livreiros portugueses os seus congéneres estrangeiros e não publicam ao preço da chuva as obras fundamentais — e não fundamentais — da Literatura Portuguesa, de modo que toda e qualquer bolsa possa adquiri-las?

Vamos por partes, para que fique bem claro o que quero dizer e mais os motivos por que quero dizer: Não é preciso recorrer a estatísticas oficiais ou officinas para que possa afirmar-se que a grande maioria da população escolar liceal portuguesa fica pelo quinto ano e que — isso então nem em estatística vale

a pena falar — os que prosseguem e enveredam pela Secção de Ciências nunca mais na vida são obrigados a ler, por força dos progra-

Continua na 4.ª página

Comissão Administrativa da Misericórdia

Por despacho de 18 de Abril findo, o Senhor Ministro da Saúde e Assistência nomeou uma Comissão Administrativa para a Misericórdia do nosso concelho, conforme acordo estabelecido oportunamente.

Por razões burocráticas a posse só se verificou na passada quarta-feira, no Governo Civil, ficando assim constituída: presidente Dr. Bacelar Ferreira, secretário geral do Governo Civil; Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste do concelho; Dr. António José da Costa, vice-presidente da Câmara; Dr. Avelino Manuel da Silva, presidente do Grémio da Lavoura; Dr. Manuel Arantes Rodrigues, Conservador do Registo Civil; João Barbosa de Macedo, chefe da secretaria judicial e António Alves da Mota, comerciante, vogais.

O acontecimento deu ensejo a uma troca de impressões, antes da posse, em que foram definidas as directrizes a seguir de maneira a evitar a intromissão de elementos perniciosos aos interesses da instituição, e abordados problemas de carácter geral de interesse para o Concelho.

Fazemos votos para que se cumpram os desígnios expressos e à sombra deles se resolvem todos os problemas do concelho dentro da seriedade, do trabalho que os interesses locais não dispensam, e da sã política.

ESQUECEM-SE

de que há pobres...

Há algumas pessoas muito ricas que, só pelo facto de disporem de grandes fortunas, se julgam seres predestinados para viverem em grandes alturas.

Estão geralmente ao abrigo das inquietações económicas que entristecem a vida da maioria dos mortais, pois, tendo muito dinheiro, habituaram-se a ideia de que não é preciso mais nada para ser superior, distinto, nobre, olímpico.

É de desses píncaros privativos que olham de soslaio para os outros com a glacial indiferença dos felizardos pelas agruras dos seres vivos.

Continua na 6.ª página

ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação do número 280)

— Se assim era porque te não dirigiste a meu pai expondo-lhe clara e decididamente os teus pensares? Isso era uma obrigação imposta pela tua situação nesta casa. Enveredaste por um caminho tortuoso e deu como origem uma precipitação com consequências desagradáveis. Mas deixemos isso. Hoje mesmo irás, como disse, pedir a meu pai perdão das palavras desrespeitosas que lhe dirigiste e depois falamos. Até logo José...

E Cecília numa ligeireza cheia de encanto fugiu em direcção a casa. Como costumava foi sentar-se numa cadeira na espaçosa varanda que circundava as traseiras da casa solarenga e aí se conservou durante uma hora a dar largas à sua imaginação com os

olhos fechados e sucedia por vezes, passar pelo sono alguns momentos.

Quando bateram quatro horas no relógio de sala ergueu-se, penteou o cabelo desalinhado e ao sair para o largo terreiro junto à casa do rendeiro, deu de frente com o pai.

— Para onde vai meu pai-perguntou Cecília.

— Vêr se tua mãe quer ir comigo ao pomar. Dá gosto vêr-se. O tempo correu-lhe bem e as fruteiras estão exuberantes de frutos. Se não vier frio vai ser um ano de fartura. Também podias vir.

— Pois sim, meu pai e já agora eu vou chamar a mãe.

— Vai que eu espero. Cecília correu e chamou pela mãe que lhe respondeu e apareceu à porta da cozinha.

— Que queres, filha? perguntou.

— O paisinho quer falar-lhe. Está no terreiro á espera.

D. Natércia acautelou o doce que preparava na cozinha, fez algumas recomendações á criada e saiu em direcção ao terreiro.

— Que queres António?

— Vêr se podes vir comigo até ao Pomar. Gostava que me acompanhasses.

— Pois sim, espera um pouco.

Entrou dentro novamente e foi mudar de calçado para daí a instantes seguirem todos tres. D. António ia mostarndo a grande nascença de vinho que necessitava de todos os cuidados, os melhoramen-

(Continua na 5.ª página)

II Festival—Exposição do Vinho Português

Tudo indica que o II Festival-Exposição do Vinho Português, que de 15 a 30 de Julho se realiza no Bombaral, vai constituir um magnífico certame de propaganda dos nossos vinhos e dos produtos que estão ligados á vitivinicultura.

O número de expositores é já grande, esperando-se a colaboração dos organismos corporativos, que terão assim oportunidade de, juntamente com produtores e vendedores, contribuir para uma melhor

expansão de uma das maiores riquezas da nossa terra.

Já há também a inscrição de muitas indústrias que servem a lavoura, desde a de vidro á de outros produtos que servem a vitivinicultura.

Está a ser organizado o programa de festas, que terá a colaboração de ranchos folclóricos, repetindo-se, este ano, o cortejo das actividades vinícolas, que o ano passado, graças ao esforço da comissão organizadora, teve completo êxito.

TRIBUNA FEMININA

A mulher perante a vida Elegância e beleza

OS OCULOS

Se precisa de os usar, preste atenção aos nossos conselhos

A «Mulher perante a Vida», parece paradoxo mas é, na realidade, a calástrofe total da mulher na sua essência, na plenitude total dos seus sentimentos e das suas reacções.

Sou uma «mulher perante a vida». Sou independente, sinto-me só na obrigatoriedade da minha missão e sei analisar a posição da mulher até daquela — estas são raras — que se entregam por amor e, por amor, são dignas de serem mulheres.

Posso discutir esta posição com a realidade, mesmo que esta seja ferida ou revolta para muitas que não entendem esta posição por alheamento ou por nunca se terem encontrado em tal enquadramento.

Ser «Mulher perante a Vida», conservar-se mulher íntegra, com um julgamento próprio, e sentir-se tão pura como os seus próprios conceitos e, sobretudo, com a sua própria consciência, é luta difícil, mas não é impossível.

Reparem num problema fundamental que afecta a sociedade de hoje:

A mulher — rapariga — chega a determinada idade com pouca ou muita cultura, poucos ou muitos «canudos» de curso, quer ser independente ou necessita dessa independência, porque tem necessidade de viver e de ajudar a casa.

Com o decorrer do tempo, no escritório, na casa comercial, na fábrica, etc., ou mesmo num encontro inesperado, ela encontra um rapaz de quem gosta.

Isto é vulgar. Namorarem-se, é vulgaríssimo; casar é a lei natural.

Pois bem. Casaram. Ela ganha mil ou mil e quinhentos escudos, ele ganha um ordenado equivalente. Os dois ordenados juntos perfazem uma totalidade que chega para suportar as despesas da casa.

Foi um dia feliz o dia do casamento, fizeram-se trinta mil projectos e tudo parece cor de rosa...

...Um andarsinho amoroso... os pais de ambos os lados contribuíram... cortinas e mobiliário gracioso... mercaria para um mês...

...Mas os meses decorrem, ela sente-se mãe, com todas as indisposições próprias do estado... ele procura os amigos no café e deixa-a sôzinha, entregue aos trabalhos caseiros que são múltiplos e o tempo é escasso... sai às seis ou sete do escritório...

Os colegas começam a notar que ela está pálida, emagrecida. Isto num dia... outro dia. Todos notam a nuvem de tristeza e desilusão que a vai tomando toda, só o marido é que nada vê e, como nada vê, nada diz.

A atenção de determinado chefe ou colega começa a ser

atenção total na vida daquela vida. De início ela quer alhear-se a essa força, mas acaba por deixar-se amarrar por semelhante cordel. Aqui é que está a catástrofe, a ruína dum lar.

O inevitável dá-se. Foi amor?... foi desejo?... Nem uma coisa nem outra. Foi ânsia de carinho, de protecção que levou aquela mulher a tropeçar e, quando acorda, já tropeçou, nada há a fazer. A coisa sucedeu naturalmente, mercê da força das circunstâncias. Depois surgem outros fracassos e ela tenta libertar-se das ondas que fazem redemoinho, tentam afogá-la... E se perde o emprego? Às vezes, por vingança, até isso sucede...

Isto é que se pode chamar ruína total, originada pela liberdade e exigência da vida actual. Muitas não querem ouvir esta verdade, ou porque estão metidas nela ou porque a não conhecem e, portanto, não a admitem.

Na actualidade mistura-se tudo; amor... exigências... necessidades... etc., são misturas a mais.

Saber destrinçar é uma ciência,

não de escola, nem de universidade. A auscultação é necessária, a auscultação a nós próprias, a auscultação aos factores sociais, a auscultação deste e daquele caso que conhecemos, julgando os prós e os contras. Este é que é um curso em que poucas na actualidade estão formadas.

Sou mulher, muito mulher mesmo, não sei o significado dos espectáculos de «Streep-Tease», tanto que ainda outro dia perguntei o que queria dizer... mas o que sei é julgar os outros e o momento actual que tão difícil é para a mulher que, dentro do lar, constrói e edifica a família e não anda com tantos olhos à espreita a seguir-lhe o contorno das ancas e a atracção do olhar.

Parece que isto constitui um problema da época. Faço duas perguntas que as leitoras poderão responder:

— Será problema da época por necessidade ou por comodidade?

— Será problema da época ou da parca mentalidade, vítima da evolução da sociedade?

CULINÁRIA

Sopa Rica

Põe-se uma panela ao lume com água e sal; quando esta ferver deitam-se 125 gr. de presunto, igual peso de toucinho, 250 gr. de carne de vaca e igual peso de ossos de vitela.

(Todas estas carnes devem ser muito bem lavadas e escaudadas).

Deixa-se ferver até as carnes estarem quase desfeitas. Coa-se o caldo pelo passador, põe-se novamente a panela ao lume e quando esta ferver, deita-se cenouras e batatas, partidas em cubozinhos, algumas ervilhas e uns baguinhos de arroz. Quando estiver tudo cozido serve-se bem quente.

Doce Rápido

Põe-se um pão de ló pequeno dentro de uma taça funda. Rega-se com calda de compota de pêsego, aromatizada com baunilha.

Colocam-se por cima pedaços de pêsegos de compota, que se cobrem depois com um monte de nata fresca, ligeiramente batida com umas colheres de «Icing Sugar».

Enfeita-se por cima com colheradas de geleia de morango.

Bolinhos de carne

Passam-se pela máquina 500 gr. de carne assada ou

cozida, junta-se polme de duas batatas cozidas, cebola picadinha, sal, pimenta, um pouca de raspa de nós moscada, dois ovos batidos e salsa picada.

Liga-se tudo muito bem e formam-se se bolas sobre uma tábuca polvilhada de farinha. Fritam-se em gordura de porco bem quente até ficarem loirinhas.

Servem-se acompanhadas de couve flor «au gratin».

Acepipe de arroz

Coze-se um chávena de arroz em bastante água temperada com sal grosso, pimentos em grão e tiras finas de duas cebolas.

Antes de estar amolecido retira-se do lume, deita-se na panela um púcaro de água fria e põe-se a escorrer num passador.

Enquanto o arroz se coze prepara-se o seguinte: derretem-se, em banho-maria, uma colher, de sopa, de manteiga e uma colher, de sopa, de margarina «Extra», tiram-se do calor, junta-se, mexendo, uma colher de café, de açafraão, uma colher de café, de caril em pó, duas rodela de cebola picadas o mais finas possível e três grãos de pimenta pisados no almofariz. Depois de bem mexido, liga-se com duas colheradas de nata fresca.

Tempera-se o arroz com este molho, misturando-lhe também três ou quatro ovos cozidos duros e depois partidos em bocadinhos.

Deita-se numa travessa em forma de monte e espeta-se todo com azeitonas pretas ou azeitonas verdes, recheadas com pimentos.

Serve-se bem frio.

Pêssegos «Colbert»

Cozem-se pêsegos inteiros (com casca) em calda de açúcar e uma vagem de baunilha.

Servem-se em taças, rodeados com morangos e polvilhados com miolo de amendoa mal torrada e depois pisado grosseiramente.

Bolachas de batata

As bolachas de batata são um bom acompanhamento para carne assada.

Coloca-se na travessa em volta do assado e podes guarnecê-las colocando no centro uma colherilha de picado de carne ou uma anchova.

500 gr. de batatas, uma colher de chá, bem cheia de manteiga, uma colher de sopa de farinha de batata, uma gema de ovo, um ovo inteiro para pintar o sal q.p.

Cozem-se as batatas, com pele, em água e sal; pelam-se e passam-se duas vezes pelo espremador. Põem-se num

vista o exija, ou até por «coquetterie» se julgam que os óculos as favorecem. Antes de adquiri-los, porém, convém que os experimentem, tanto com chapéu como em cabelo e vejam se gostam do novo aspecto que dão ao seu rosto.

— Se tiver o rosto redondo, os seus óculos deverão ter uma armação de forma angular: as linhas curvas, especialmente na parte inferior, acentuariam os contornos arredondados das faces e do queixo.

— Se o seu rosto for do tipo losango, será necessária uma armação um pouco mais larga. A mesma deve possuir curvaturas delicadas a fim de evitar o efeito pouco agradável que oferecem, por vezes, as testas estreitas e os queixos pouco pronunciados.

— Se o seu rosto for triangular, a armação deverá ser ligeiramente curva na frente para contrabalançar o queixo afilado.

— Para os rostos de formato quadrado ou rectangular existem duas soluções: tanto pode ser escolhida uma armação curva, que fará parecer o rosto mais curto; como pode ser adoptada uma combinação de linhas rectas, para a parte superior e curvas para a parte inferior, a qual fará parecer o rosto mais alongado.

As duas armações darão suavidade às linhas angulosas ou planas que existirem no rosto.

— O rosto oval suporta todos os formatos de óculos, mas os de linha subida, ligeiramente curva, são os que mais favorecem este tipo de rosto.

E agora perguntarão as leitoras

Continua na 4.ª página

alguidar e amassam-se com manteiga, a farinha e a gema de ovo; provam-se para ver se precisam mais sal, e trabalha-se bem a massa, que se deixa descansar depois de bem amassada.

Põe-se sobre a pedra enfiada, estende-se como o rolo, também enfarinhado, deixando-a com um centímetro de altura.

Cortam-se então com um corta-bolachas redondo, cinco centímetros de diâmetro pintam-se com um pincel molhado em ovo batido, e cozem-se no forno dentro de tabuleiros untados com banha e polvilhados com farinha de trigo.

Devem ser cozidas em forno forte para não alastrarem

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

220/380 V de Rendufe para Bico, e remetendo um exemplar do respectivo projecto o qual servirá para provar perante as autoridades competentes que a licença foi concedida, podendo esta Câmara iniciar os respectivos trabalhos.

Do Doutor Aristides Marques Vilela, pedindo a colocação à volta do recinto do recreio da nova escola primária desta Vila de uma vedação que impossibilite a fácil passagem para a propriedade donde foi cedido o terreno para a construção do aludido edifício, conforme ficou estabelecido numa clausula da escritura de doação do terreno em referência.

Do Governo Civil do Distrito de Braga, pedindo a colaboração desta Câmara na realização da Semana do Ultramar levada a efeito pela Sociedade de Geografia de Lisboa.

Idem, idem, transcrevendo a circular da Direcção Geral de Administração Política e Civil n.º 17/61, P.º P-4/1, L.º 23-A, chamando a atenção das Câmaras Municipais para a necessidade de nas secretarias municipais possuírem um livro especial destinado a registo de processos de licenciamento dos estabelecimentos abrangidos pela portaria n.º 6.065, de 30 de Março de 1929.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ª Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento e tratamento de doentes em estabelecimentos hospitalares deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art.º 78.º do Código Admi.:

De Maria da Silva, de Goães, Agostinho César Vieira, de Ferreiros, José da Assunção Marinho, de Prozel, Ramiro Antunes, de Ferreiros, Manuela de Jesus Dias Paredes, de Dornelas, Bernardino José da Rocha, de Bouro Santa Marta, Fernando da Silva Rodrigues, de Rendufe, Artur Gomes da Silva, de Bouro Santa Marta, Manuel de Oliveira Vieira Tinoco, de Figueiredo, José Rita Soares, de Rendufe, Reinaldo Artur Soares, de Bouro, Maria Joaquina da Silva, de Bouro.

Foram também presentes os seguintes ofícios do Hospital de São Marcos, de Braga, pedindo guias para internamento dos doentes: Emília Augusta da Silva, de Prozel, Prolírio Manuel Lopes, de Bouro, Rosa Perpétua Pinheiro Oliveira, de Paredes Secas, Maria da Glória Almeida, de Fiscal.

Processos de Licenças de habitação

É novamente presente à Ex.ª Câmara o requerimento de Francisco Veloso Soares, de Ferreiros, pedindo licença de habitação para o seu prédio que construiu na Rua de Sá de Miranda desta Vila. Os peritos Subdelgado de Saúde Eng. Alberto José Vale Rego Amorim e José Carlos Vieira informam que o prédio em questão se encontra em condições de ser habitado.

Processo de Licenciamento sanitário

De Domingos José Rodrigues, de Caldelas, pedindo alvará de licenciamento sanitário para sua casa de hóspedes sita no lugar das Caldas da mesma freguesia. Pelo Requerente foi feito preparo da importância de 200\$00.

Da Firma A Indústria do Barreiro, Vila Nova de Famalicão, informando que está apta a fornecer postos de betão armado para os Serviços Eléctricos cuja marca e processo de fabrico foram aprovados superiormente.

Da Junta de Freguesia de Goães, informando que ainda não foi possível conseguir o terreno próprio para a implantação do novo edifício daquela freguesia.

De Bruno Janz (Herdeiros) Lisboa, apresentado a nova tabela de preços dos contadores de água cujos preços são os seguintes: 13m/m (1/2) 3m3/h — 255\$00; 20m/m (3/4) 3m3 — 376\$00; 20m/m (3/4) 5m3/h — 475\$00; 25m/m (1) 5m3 — 555\$00.

Da Comissão de Melhoramentos da freguesia de Vilela, informando que a estrada de Vilela se encontra actualmente reparada pelos cantoneiros municipais e que já a referida estrada nada mais necessita, mas antes do Inverno ou seja em Setembro ou outubro se torna necessário a drenagem e calçamento de uma pequena extensão do pavimento da referida estrada próximo do lugar de Chouselas.

(Continua no próximo número)

Cá e Lá

Para desenvolver as Províncias Ultramarinas no Campo agrícola e demográfico foram criados os Calônatos aonde os agricultores metropolitanos, com condições, podem desenvolver a sua actividade e ter garantida a velhice com os resultados financeiros oferecidos.

Reconheceu-se que cá, havendo crise aguada de trabalhadores dessa classe, não há possibilidade, de lhes ser oferecida a garantia lá encontrada.

São terras novas sem proprietário que não seja o Estado; productos de elevada cotação Internacional que leva o Governo como padrão generoso, a dar essas garantias que andam, dizem, à roda de 60 contos anuais líquidos para o explorador da terra.

É louvável a resolução tomada e só assim se conseguiria atravessar o Oceano para um clima pouco temperado.

Lá não existem os enormes encargos que aqui oneram a Lavoura.

Mesmo que existissem, os lucros superam todas as dificuldades que aqui se denunciam por falta de estímulo à mesma gente que aqui fica a trabalhar na mesma arte a Bem da Nação que os mesmos patrões acarinham sem poder melhorar a sua situação.

Lamentamos que as condições exigidas por lei não nos possam abranger para ir aproveitar as forças no desenvolvimento de angola para que os futuros dos filhos não fique à mercê do creador. Cujo destino está traçado e por vezes bem melhor do que aquele que os cautelistas tanto se esforçam em acertar.

Elísio Gonçalves

CARRAZEDO

Festas Antonianas

Atendendo às preparações e às possibilidades poucas terras honraram tão dignamente o taumaturgo universal — S.º António —. Como a Feira Nova. Houve de tudo e para todos os paladares.

— No campo musical todos foram servidos. Todos, digamos, porque as músicas são apreciadas por músicos e por apaixonados e sendo assim ninguém se pode queixar que não ouviu opera, marchas, tangos, valsas, etc. E tudo é música e então pela madrugada as coisas atingiram o delírio provocado pelos seus acordes moviosos. Parabéns à Comissão e aos que para a festa concorreram com os seus donativos.

Entrega duma Biblioteca à

CASA DO POVO DE AMARES

Hoje, às 21 horas realiza-se na sede da Casa do Povo de Amares uma sessão solene no decorrer da qual será entregue ao organismo uma biblioteca oferecida pelo Plano de Fomento Social e Corporativa a qual é composta por cerca de 400 volumes englobados em diversas secções tais como: História, Religião, Formação

Social, Arte, Literatura Infantil, Romance, Poesia, etc. . .

A sessão em causa assistem todas as autoridades e pessoas de representação social no Concelho e ainda, o Sr. Dr. Nuno de Betencurt, Sub-Delegado do I. N. T. P. em Braga, que para entrega da biblioteca, e Mário Pinto, Presidente da Junta Central das Casas do Povo e o Sr. Eng. José Pinto de Oliveira, Presidente da Direcção da Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga.

Usaram da palavra além das entidades atrás referidas, o Sr. Presidente da Direcção da C. P. de Amares, Dr. Aristides Vilela, que da sua biblioteca particular também oferece ao organismo, cerca de 100 volumes.

No fim da sessão, será exibido pela F. N. A. T., o Filme «Joselito».

NOVOS ASSINANTES

Pelo nosso colaborador senhor Elísio Gonçalves, fomos indicados os senhores abaixo mencionados, para assinantes do nosso jornal.

Eusebio Exposto — Igreja — Carrazedo Amares.

Ernesto Antunes Pires Braga, Sernado-Portela Amares, Alberto Augusto Peixoto — 2.ª Vara Cível-Lisboa.

Para Louvar Maria!...

Para louvar teu Nome, ó Virgem Santa,
Deus fez o Som e a Luz, o Mel e a Flor,
E a Natureza, que os teclia, canta,
Nessas teclas de Deus, o teu louvor! . . .

Diz o teu Nome a Folha, a Fruta, a Planta,
O Insecto, a Borboleta, o Beija-flor,
A Pérola do Mar . . . — (Quem te suplanta
Na perfeição da Graça e do Primor?! . . .)

Tu és, em todo o ser, muito mais bela
Do que os Anjos mais belos, — e são tantos! —
Mãe de Deus, diviníssima Donzela! . . .

E se a Terra . . . se o Ar . . . e o Mar . . . te incensa,
Para cantar, Maria, os teus encantos
Deus fez coisa maior: — Deus fez a Imprensa! . . .

Rainha do Brasil

Ó Virgem Mãe de Deus, Senhora Aparecida,
Rainha do Brasil, Princesa do Universo,
Tu és a fita azul que enfeita a minha vida,
O pó da luz do Céu que vem doirar meu verso! . . .

Minha Rainha e Mãe, minh'alma foi nutrida
No teu seio de Amor, desde o calor do berço,
E agora, quando eu soffro, é a Dor que me convida
A recorrer a Ti, rezando-te o meu Terço! . . .

Protege o Meu Brasil, o Teu Brasil que te ama,
Que tem, por teu amor, o coração em chama,
Ó meiga Aparição de Amor em nossa História! . . .

Tu que acerdes no Céu o Cruzeiro do Sul,
Afaga o meu Brasil sob o teu manto azul,
E faze-o rebrilhar em toda a luz da Glória! . . .

Visado pela C. de Censura

Onde se fala do conhecimento da literatura

Elegância e Beleza

Continuação da 1.ª página

mas escolares, uma linha de Gil Vicente, Camões ou Garrett. Quantos não esquecem mesmo o que até ao fim do segundo ciclo aprenderam. Este esquecimento, aliás, é já perfeitamente visível, bem poucos meses decorridos sobre a aprovação na cadeira de Português. Em grande parte, as razões para que tal se verifique são quatro:

— a idade média dos alunos de 3.º, 4.º e 5.º anos, excessivamente baixa para que rapazes ou raparigas possam «dirigir» — é o único termo aplicável — Damião de Góes ou até Camões ou Fernão Mendes Pinto;

— a incompreensão dos professores, que muitas vezes não se sentem sequer obrigados a despertar o interesse dos alunos pela matéria que lhes ensinam;

— a incrível ideia — e aqui os culpados não são os professores — de fazer dividir orações nos «Lusíadas» ou no «Auto da Alma», o que evidentemente faz com que o aluno de 15 ou 16 anos simplesmente passe a odiar semelhantes livros (não seria mais aconselhável insistir na divisão de orações sobre textos, de menor valor literário e recorrer apenas à divisão para explicar um que outro passo mais difícil dos outros textos, verdadeira função da divisão de orações que, creio bem, poucos alunos compreenderão, porque nunca lhe explicaram);

— os poucos livros de textos clássicos e o seu relativamente elevado custo. Deixem-se os três primeiros pontos e fale-se só do último:

Invariavelmente, os livros sobre que os alunos do segundo ciclo liceal estudam são colectâneas que, por mais bem feitas, por melhor escolhidos que sejam os textos, forçosamente pálida ideia darão de cada um dos autores «estudados». Fica-se com uma vaga ideia cronológica, de duvidoso interesse, quanto aos nomes consagrados, e depois dissecam-se o Camões, o Gil Vicente e mais um ou outro infeliz, dizendo-se aos meninos que são «os grandes». Apenas uma vez por outra se recorre a livros complementares, em parte, pelo menos em parte, dado o seu relativamente elevado custo. Com efeito, se um livro sobre, por exemplo, as «Rimas de Luís de Camões», com um prefácio, umas notas e, claro, umas rimas, custa 10\$00 ou 12\$50, como comprar 20 ou 30 livros diferentes sobre os vários escritores?

Ora é precisamente neste ponto que o exemplo dos estrangeiros deve ser seguido. Perfeitamente conscien-

tes de que há diferenças entre uma edição de luxo, uma edição corrente e uma edição para estudantes, existem não uma, mas várias colecções dedicadas a clássicos e a modernos, com prefácios e notas, inteiramente adequadas aos fins que pretendem e, o que é fundamental, editadas em mau papel e pior tinta, mas baratas, o equivalente a quatro ou cinco escudos, seis, quando muito. O mesmo, creio bem, deveria fazer-se no nosso país. Se é verdade que existem boas colecções, se é verdade que o nível de notas e comentários é geralmente muitíssimo bom e adequado aos fins pretendidos, por que não dar maior expansão a esses voluminhos, torná-los acessíveis a todas as bolsas, em vez de imprimi-los em bom papel e linda capa, mas a preço que deveria corresponder a dois ou três exemplares, em vez de um só?

* * *

Surgem estas palavras a propósito da «Colecção Literária Atlântida». Vimos há pouco mais um volume dessa colecção: precisamente as «Rimas de Luís de Camões», com prefácio, se-

lecção e notas do prof. Costa Pimpão, um prefácio modelar de clareza, uma selecção exemplar, notas esclarecedoras, utilíssima nota bibliográfica — em resumo: um livro que não cansa, de indiscutível interesse para o estudante, como para o simples curioso.

Costuma dizer-se que há sempre um «mas». E ei-lo: custa 12\$50. Claro que um, dois, três podem-se comprar. Mas o que é preciso é que sejam lindos todos e se esta colecção, em vez de se apresentar em excelente papel, recorresse a material mais ordinário e reduzisse para metade o preço de custo, por certo cumpriria muito melhor o fim para que foi criada: a divulgação.

Aniversário

Na passada Terça-feira, dia 27, passou o seu aniversário natalício o nosso amigo e colega de trabalho, Sr. José de Abreu Dias, empregado das Bombas de Gasolina «Sonap».

Que esta data se repita por muitos anos são os votos sinceros de todos os seus amigos.

OS ÓCULOS

(Continuação da 2.ª página)

toras, se o formato do nosso rosto não pertencer aos tipos indicados acima?

— Escolham sempre uma armação tão larga quanto a parte mais larga do vosso rosto e que permita que se vejam as sobrancelhas.

Um pormenor importante é a cor dos óculos. Escolham um colorido que se harmonize com o tom da vossa pele e cabelos.

Por exemplo, uma rapariga que possua uma tez líria ficará lindamente com uns óculos com uma armação de cor clara e delicada.

Para uma pele de tom mate é preferível o uso duma armação de cor viva, ou escura se assim preferirem.

Se a sua cabeleira é escura, ficará muito bem uma armação de cor idêntica em tartaruga, por exemplo. A cor do

ambar é indicada para as louras, enquanto as armações pretas ficam bem às senhoras de cabelos brancos.

Use os seus óculos sem complexos.

Se puder, adquira dois pares de óculos, uns para uso diário, outros para ocasiões de mais cerimónia.

Para que os óculos a façam parecer ainda mais bela e elegante, use-os com naturalidade, nada de afectação.

Os óculos atraem a atenção para os seus olhos, assim não esqueça de os embelezar com os inúmeros produtos de beleza que existem para tal.

Como último conselho, uma coisa que todos sabem, mas, por vezes, esquecem.

Os óculos deverão estar sempre bem limpos e, quando os tirar, deverá colocá-los sempre com os vidros para cima, para que não se riscuem.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODELAR**

Telefone 62113

Amares

S.  R.

Gf.

Ministério das Comunicações

DIRECÇÃO-GERAL DE TRANSPORTES TERRESTRES

Direcção dos Serviços de Exploração e Material

3.ª REPARTIÇÃO

Carreira: — REGULAR DE PASSAGEIROS										HORÁRIO		S. BENTO (l. do Santuário) TERRAS DE BOURO (l. da Feiteira)									
Concessionário: Empreza Hoteleira do Gerês, L.da												Localidades									
b		a		a		c				b		a		a		c					
Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.		
—	7,35	—	9,45	—	13,30	—	17,55														
7,55	7,56	10,05	10,06	13,50	13,51	18,15	18,16	S. Bento		9,20	—	12,35	—	17,35	—	20,10	—				
8,01	8,02	10,11	10,12	13,56	13,57	18,21	18,22	Covide		8,59	9,00	12,14	12,15	17,14	17,15	19,49	19,50				
8,09	8,10	10,19	10,20	14,04	14,05	18,29	18,30	Carvalheira (Cruz.10)		8,53	8,54	12,08	12,09	17,08	17,09	19,43	19,44				
8,14	8,15	10,24	10,25	14,09	14,10	18,34	18,35	Chamoim		8,45	8,46	12,00	12,01	17,00	17,01	19,35	19,36				
8,25	—	10,35	—	14,20	—	18,45	—	Vilar		8,40	8,41	11,55	11,56	16,55	16,56	19,30	19,31				
								Terras de Bouro		—	8,30	—	11,45	—	16,45	—	19,20				

OBSERVAÇÕES:

Efectuam-se:

a) — Às Segundas, Terças, Sextas-feiras e Sábados

b) { — De 1 de Abril a 31 de Outubro — aos Domingos

De 1 de Janeiro a 31 de Dezembro — às Segundas, Terças, Sextas-feiras e Sábados.

c) { — De 1 de Abril a 31 de Outubro — aos Domingos

De 1 de Janeiro a 31 de Dezembro — às Terça-feiras

NOTA: Não se efectua nos dias 12, 13 e 14 dos meses de Maio e Setembro inclusivé.

Este horário anula todos os anteriormente aprovados.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

baixo do vallado, que fica por cima da poça athe topar no outro marco que fica na parede que divide o dito campo do campo de Domingos Garcia do Eirado onde chamão o Agrelinho que foi do passal da igreja de São Vicente do Bico, e deste corta em direitura a outro marco que fica junto da parede que divide este campo do campo da Eira, a que hoje chamão do Olival de fora do Mosteiro, e dahi corta direito pelo vallado adiante que divide o dito campo do Mosteiro de Rendufe, chamado do Olival de fora, da fazenda de Pedro Carvalho do lugar da Cova, athe topar na estrada que vai para o Mosteiro, aonde fica um marco pegado no muro da cerca do Mosteiro, e que chegando a este sitio se não concluiu por entrar outra vez em duvida sobre a demarcação que vinha da poça da varzea, ou fonte da varzea athe à casa velha que foi de João Pinheiro, que se diz ficava arriba da casa de Gonçalo Pires, por a dita casa e seos habitadores estar na freguesia da Capela, e serem fregueses nella, e querendo-se endireitar, se não convierão estas partes, nem os Louvados e por isso se ausentou o Reverendo Abade de São Vicente com o seo Louvado sem querer assignar de que para constar mandou elle Doutor Juiz do Tombo fazer esta declaração que assignou somente com o Reverendo Dom Abade...

Petição — Diz Constantino de Sousa Alvares, Abbade de São Vicente do Bico, que, fazendo-se tombo a requerimento do Dom Abade e mais Religiosos do Convento de Rendufe, de que Vossa mercê he Juiz, appareceo o Suplicante com o seu Tombo, e sem embargo de nele se achar clareza das demarcações no Tombo, que de novo se faz, puserão as balizas em outras partes com notável prejuizo da igreja do Suplicante, e não ser judicialmente assistindo os Louvados, juramentados no mesmo tempo, de uma e outra parte para darem as suas tenções, e que sendo necessário informações, que devião ser secretas, as quaes não haverão e quer o Suplicante que se fação judicialmente com as solenidades precisas que se devem fazer. Pede a vossa mercê se sirva assim o mandar, e emendar as balizas que já puserão, à vista do seu tombo, conjuramentados os Louvados que para isso devem assistir, informadores; tudo debaixo de juramento, em segredo, e não à vista das partes, e não intimidando as testemunhas e Louvados, e assim pede, e vista sem innovação alguma para mostrar os erros, e a nulidade e embargos, em cujo principio esta offerece. E receberá mercê.

Despacho — Como pede, para o que se louvem as partes, e sendo necessário informadores venhão — Motta.

Termo de louvação e juramento — Aos vinte e quatro dias... em este lugar da Deveza, freguesia da Capela, Couto do Rendufe, e sitio da lemitação da freguesia de São Vicente do Bico com a de Rendufe, que se anda atombando... e sendo ahi pelo reverendo Suplicante me foi dada a Petição retro com o despacho nela dado, requerendo a palavra e na forma dela que não convinha na dita demarcação por não ter tempo par procurar o seo Louvado, que era Domingos Fernandes de Palmeira, e protestava por toda a nulidade da demarcação, e que não consentia em balizas postas, que não sejam em o lugar que o seu tombo dele declara. E logo appareceo o Reverendo Padre Dom Abade Suplicado, e por ele foi requerido que toda a demarcação que se havia feito fora à vista dele Reverendo Suplicante, e do seo Louvado Domingos Fernandes, e do seo Tombo, e com informações de informadores debaixo de juramento e que elle Juiz lhe deferio, à vista do que mandou elle Doutor Juiz do Tombo que para efeito de concluir esta diligencia tão pouco conceituosa, visto se não ter concluido em várias occasoes que a ella tinham vindo várias vezes com o Tombo do Reverendo Suplicante, e seo Louvado, que nesses termos mandou que apresentasse o seo Tombo para se seguir a dita atombação, e o seo Louvado pena de revelia, e de se proceder pelos sitios que nelle se tem lido, à vista das informações que nesse caso se tomarão por informadores ajuramentados e vezinhos do mesmo lemite, e do uzo e pratica que informarão sobre o dizimar, e que querendo louvar-se o fizesse; e por ele Reverendo Suplicante foi dito que se não louvava em outro Louvado e que não apresntava o seu tombo senão para segunda-feira com o seo Louvado; o que visto por elle Doutor Juiz do Tombo, e visto ter havido tantas demoras, mandou que se procedesse à revelia, e que para isso se louvasse em Domingos Garcia do lugar do Eirado da freguesia de São Vicente do Bico, e por ele Reverendo Suplicada foi dito que

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

TERMINARAM

AS COMEMORAÇÕES CONDESTABRIANAS

Continuação da 1.ª página

no fim de tudo.

— É Deus o fundamento de toda a ordem, de toda a justiça, de todo o direito, de toda a moral, de toda a paz, de toda a união, de toda a liberdade. Deus negado ou esquecido — e todo o mundo moral se abisma no nada.

— «A Pátria servida com honra, com lealdade, com coragem, com sacrificio: A Pátria é um pensamento de Deus revelado nas páginas da história. Ela é o lugar da nossa liberdade. Património, comunhão, destino, responsabilidades comuns.

— «Os pobres e os pequenos servidos como a Cristo. Eles são o sacramento de Cristo escondido e humilhado. Por amor dos pobres o Santo Condestável se fez pobre, e para eles se fez pedinte por estas ruas de Lisboa. Por amor dos pequenos, ele brandiu a sua espada, garantindo-lhes a liberdade e o direito na própria Casa.

— «A verdade, a justiça, o bem, o amor e a comunhão fraterna, a existência digna e livre, a paz, servidos como Deus: Não são eles os nomes mesmo de Deus? Mas o Anjo das trevas anda aí a perverter as inteligências e a corromper os corações. As palavras ensandeceram e já ninguém sabe o que significam.

«Não, não sonhava. A voz que julguei ouvir era a lição da vida toda do Santo Condestável. Lição e apelo.

«Ouçamo-los. É lição e apelo sobretudo para a juventude. Os jovens são os irmãos do Santo Condestável, no tempo heróico em que a vida é oferecida ao que vale mais que ela. Primavera humana, em que florescem a fé e a esperança e nascem os grandes amores. É a idade de Cristo.

«Realizou-se esta peregrinação em hora angustiosa para a Pátria que ele fez. O Condestável andou aí. E Portugal ajoelhou à sua passagem.

«Em 1640, na Baía, em hora extrema de aflição, o padre António Vieira, em repto de sublime eloquência, atreveu-se a querer converter o próprio Deus à causa de Portugal, batido pelos hereges. Porque aquela terra brasileira custara sangue e cuidados mais para honra de Deus que de Portugal.

«Não poderá Portugal hoje ainda alegar a mesma razão? Não são declarados inimigos seus os inimigos de Deus e da Virgem Imaculada, nossa Padroeira?

«Em nome da Pátria, limitar-me-ei a ajoelhar diante

ROMANCE OU NOVELA?

Continuação da 1.ª página)

tos que traçara para o ano se os rendimentos não falhassem e as experiências que fizera com as adubações de várias culturas e que precisavam de ser corrigidas.

A mãe e a filha não cessavam de o enterrogar sobre tais assuntos e notava-se que D. António todo se comprazia em dar explicações minuciosas que traziam luz e ensinamentos para que um dia que ele faltasse a filha principalmente podesse administrar as propriedades. Chegados ao Pomar ficaram deveras, mãe e filhas, assombradas. Havia fruteiras que teriam de ser escoradas se os frutos se conservassem até à maturação, tal era a quantidade.

O criado José logo que Cecilia o deixou ficar foi dar uma volta pela Quinta e quando regressava deu com os olhos nos fidalgos. Não reuiu. Pelo contrário, sentiu dentro de si forças bastantes para cumprir o pedido da menina e lentamente foi-se dirigindo bem para o local onde eles se encontravam. Tirou respeitadamente o chapéu e humildemente perguntou a D. António se lhe dava licença de dizer uma coisa.

— Porque não, rapaz?

— De manhã quando Vossa Senhoria me repreendeu por causa do gado eu faltei ao respeito o que não devia ter feito. Procedi mal e por isso venho pedir que me perdõe, mas são horas faltas, que apparecem quando mais se anda consumido com a vida.

— Consumido com a vida? Que te falta José?

— Nada Snr. D. António. Mas eu queria ir para longe desafiar a sorte. Já o devia ter dito a Vossa Senhoria pois era meu dever mas acanhava-me e a minha cabeça aconselhou-me mal. Quero que me desculpe esta falta. Sinto remorsos do que fiz.

— Estás perdoado José. Mas que diabo se te meteu na cabeça?

Quer ir para o Brasil-interrompeu Cecilia. — Deixe lá meu pai. Pode ser esse o seu destino. Não o contrarie, ajude-o antes.

— Ó filha, mas ele não está bom. Ir para o Brasil, sem protecção de espécie alguma, desafiar a sorte como ele diz!... Não concordo. Acho isso

destas Relíquias venerandas, invocando a protecção do Santo Condestável junto de Deus em favor desta Terra que é também sua — ou mais dele ainda que nossa — terra que Deus conserve e guarde sempre firme na Fé e fiel no serviço da civilização cristã, da elevação humana, do reinado da justiça, do estabelecimento da paz».

uma tolice. E temos de falar com mais vagar sobre o assunto.

— Pois sim, Snr. D. António porque Vossa Senhoria só me tem dado bons conselhos, mas...

— Mas quê José? Julgas que embarcar num navio, sulcar os mares e ir trabalhar para o Brasil é coisa fácil de realizar-se. Estás enganado. Todos os meses partem emigrantes para as sete partidas do mundo. Dessas centenas raras são os bafejados pela sorte. Levam a mesma vida de parias como na sua terra natal.

Muitos trazem dinheiro mas não é deles, é dos desgraçados a quem roubaram e deixaram na ruina ou levaram ao suicídio.

Uma fortuna não se pode honestamente amealhar em pouco tempo.

Mas falaremos depois... Vai, — Não deseja nada Snr. D. António?

— Não, isto é, vai a casa traz uma tesoura de poda e cortas aquele ramo acolá.

Os três continuaram o seu caminho e uma vez ali resolveram dar uma volta em redor de toda a propriedade e mais com o intuito de ir visitar os rendeiros e saber das suas necessidades agrícolas porque muitas vezes receavam aborrecer os Senhorios, embora isso lhe causasse prejuízos certos.

Mas D. António como bom administrador procurava sondar por si ou por interposta pessoa o que lhes faltava.

(Continua no próximo número)

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º-onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura

AO SERVIÇO DE 2 AMOS

As dificuldades dos advogados na Zona Soviética da Alemanha — Muitas vezes só resta a fuga

Em fins do ano passado anunciou-se com uma grande campanha de propaganda a amnistia na Zona de Ocupação Soviética da Alemanha. Com esta medida, aguardada há muito, dos dirigentes comunistas, a cuja frente está Walter Ulbricht como Primeiro Secretário do Partido Socialista Unido, pretendiam demonstrar a todo o mundo que na Sociedade Socialista «se superariam brevemente os últimos restos do passado capitalista». Sabe-se entretanto o triste fim que levou este «indulto» tão frequentemente citado. Não se puseram em liberdade 16.000 pessoas condenadas a prisão maior, como se proclamara, mas, ao máximo, 10.000. A Comissão de Investigação de Juristas Amantes da Liberdade, com sede em Berlim Ocidental, calcula que na Zona Soviética continuam detidos cerca de nove a dez mil presos políticos.

Entre os milhares que dia a dia fogem da Zona Soviética para a Alemanha Ocidental (a cifra oscila entre 4.000 e 5.000 por semana) tem aumentado ultimamente o número dos advogados. A limitação decisiva dos seus meios jurídicos assim como das suas possibilidades de acção, assim como frequentemente também motivos de perseguição pessoal, forçaram-nos a abandonar tudo que possuíam. Actualmente estão à disposição dos 10,3 milhões de habitantes da Zona Soviética da Alemanha (inclusive Berlim Oriental) apenas 703 advogados. E esta cifra ainda perde de significado caso se tome em consideração que 447

destes advogados, ou seja mais de metade, não podem exercer livremente a sua profissão mas estão reunidos compulsoriamente nos chamados «Colégios de Advogados».

No Conselho de Halle, na Zona Soviética, há apenas um advogado por cada 27.700 habitantes. Em contrapartida, em Hamburgo, com 1,8 milhões de habitantes a maior cidade da Alemanha Ocidental, (exceptuando-se Berlim Ocidental) a média de um advogado por 1.285 habitantes. Segundo as informações da Associação Alemã de advogados, contavam-se em 1 de Janeiro de 1960 na República Federal da Alemanha 18.347 advogados, ou sejam 26 vezes mais do que na Zona Soviética.

Em obediência à legislação correspondente na Zona Soviética, os advogados têm de contribuir «por todas as suas actividades para o desenvolvimento do conceito socialista do direito na população e para a consolidação da legislação socialista». Considerando os princípios marxistas e leninistas, predominantes na Zona Soviética, esta disposição significa praticamente que os advogados, e entre eles sobretudo aqueles que intervêm em processos penais, se têm de orientar pelos objectivos dos funcionários do Partido Comunista, os quais, ainda para mais estão sujeitos a alterações constantes.

Vêem-se, portanto, ante a tarefa quasi impossível de desempenhar de servirem a dois amos: a Sociedade Socialista — na prática isto significa que se

têm de esforçar por levar os acusados à confissão — e aos seus clientes.

Para que este não goze de «preferências» o código do processo penal da Zona Soviética contém disposições rigorosas. Não há prazo para preparar as declarações depois de apresentada a acusação. O prazo entre a entrega da acusação ao acusado e o seu comparecimento perante o Tribunal é de apenas cinco dias. Nesses escassos cinco dias o advogado tem de estudar todo o processo e discutir todos os pormenores com o seu cliente. Existe até mesmo a possibilidade de reduzir este prazo a 24 horas caso «a finalidade da investigação esteja em perigo» o que se alega em quasi todos os processos políticos.

Em Maio de 1953 o Governo da Zona Soviética decretou a constituição de «Colégios de Advogados» sob a direcção de membros do partido fiéis à causa comunista. Aplicaram-se repressálias económicas e pessoais para forçar os advogados a entrarem nestes colégios. Foi-se ainda um passo mais adiante: em Março de 1956 instituiu-se por uma portaria do Ministro da Justiça, uma Comissão Central de Controle dos Colégios de Advogados. Eliminou-se assim praticamente a base essencial da actividade de um advogado: o segredo profissional.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

ESQUECEM-SE DE QUE HÁ POBRES

Continuação da 1.ª página)

Sem sensibilidade moral, ignoram a luz do Evangelho, que manda viver com simplicidade, honestidade e decência.

Sem preocupações espirituais, não sabem que o fim do homem não tão-só de isolar-se na torre encantada do egoísmo primário.

É por isso que, embora cobertos de riqueza, têm geralmente a alma apodrecida, por nunca ter vibrado sob o fluxo purificador de uma ideia generosa. Desconhecem a virtude da caridade e ignoram o amor

que se deve ao próximo e são por isso mesmo a vergonha da espécie humana e um insulto à Consciência universal.

Na verdade é realmente preciso ser-se cego ou obtuso para não se compreender que o dinheiro não é, por si só, um sinal de superioridade. Pode até afirmar-se, pelo contrário, que o dinheiro é um terrível veneno, quando escraviza os corações e mata o sentido do Belo e da Bondade nas almas.

Pobres dos ricos que se esquecem de que há pobres!...

DIREITO E RAZÃO

Caiam embora muitos no combate,
Desabe tudo em trágicas ruínas,
Nada temor te faz, ninguém te abate,
Ó legendário Pavilhão das Quinas!...

(Afonso Celso — bras.)

E giram doidamente as borboletas
Em volta dos arbustos do quintal;
Algumas têm a cor das violetas,
Outras, a nínea cor do ideal!

E Como elas, também irrequietas
Cismando no porvir de Portugal,
Vão dos meus olhos as meninas pretas
Pousar numa visão celestial:

Nos oito séculos desta Marcha ovante,
A ensinar ao mundo ignorante
A força do Direito e da Razão...

E porque Deus o fez assim eterno,
É que todas as fúrias do inferno
Ao inferno depressa voltarão.

UERBA

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

*Tivemos feliz sucesso,
nestas disposições todas,
como pelo que mandamos
Suponho que já vos consta.*

*Com peixes, aguas e plantas
foy a tarde deleitoza,
o Mundo sempre foy louco
e só do vário se gosta.*

*Mas nada me satisfaz
se me dilatais as novas,
sempre da vossa saude
em que o gosto se melhora.*

É aqui notável o poder descritivo de Montebelo. Sem dúvida, depois de Sá de Miranda, a figura do Marquês, que tanto amou e recordou com saudade, no seu exílio da Corte de Madrid, as terras de Entre-Homem e Cávado; tornando-as famosas, conhecidas, miostalizadas nos seus próprios versos — a figura do primeiro Marquês de Montebelo, é tempo de começar a pensar como se há-de pagar, modestamente que seja, uma dívida de gratidão ao seu nome.

As gerações, como os indivíduos, tornam-se dignas de áspera censura quando não satisfazem as obrigações do seu reconhecimento às que passaram.

No Memorial estas poesias são classificadas de *Romãses Portugueses*.

E vai mais uma poesia, para completar este aspecto de produção literária de Montebelo:

Vede lá que estais metido
dentro no mayor empenho,
muito mais do que por vosso
vos pertence por alheo.

Altamente vos incita
à defesa o sacrilegio,
não deve parecer vossa
que em ser vosso sentimento.

Essa causa que vos chama
tem misterios mais supremos,
se a tratais só coma propria
ofendeis vos a vós mesmo.

Se vos callastes porque
sobrais para os desempenhos:
para excederes aos vossos
que não tereis outro creio.

Sem queixa vossa, meu Conde,
dais ventagens neste emprego,
aos progressos deste braço,
com os vossos rendimentos.

Subiu vos a tanta gloria
elevado o pensamento,
que as vossas adorações
se estreitam no vosso peito.

Se o competidor indigno
se fez por menos atento;
não empenhava o Thebano.
só no Anteos os alentos.

(CONTINUA)